



NÔ PINTCHA

* ÓRGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO *

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AV. DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA — TELEFS.: 3713/3726/3723 — BISSAU



O Presidente Luiz Cabral, rodeado de povo, atravessa a ponte no Saltilho

Luiz Cabral no Sul do País

O Presidente Luiz Cabral está no Sul do País para tomar contacto com problemas do início do novo ano agrícola. Durante a viagem, o Chefe de Estado deverá observar de perto as dificuldades gerais da região e estabelecer conversações com responsáveis pelos comités de sectores. Além disso, também estão previstos vários encontros com a população local.

A comitiva presidencial partiu de Bissau na quinta-feira passada, às 15 horas e, depois de passar por Mansoa, chegou ao fim da tarde a Bafatá. Ali, o camarada Luiz Cabral esteve reunido com jovens e trabalhadores com o objectivo de incentivar a integração entre vários sectores de actividade. Antes de terminar o diálogo, pediu igualmente vigilância.

No dia seguinte, Luiz Cabral saiu de Bafatá, cerca das 8 horas e 30 minutos, com direcção

a Cacine, no extremo Sul, onde deveria passar a noite. Porém, as condições precárias em que se encontra a estrada impediram a concretização desse projecto. Com bastante atraso, a comitiva passou por Malam Sambu e Ponte Blom, antes de chegar a Xitole. Na última vila, uma pequena multidão aguardava a comitiva e, por esse motivo, o Presidente esteve no comité local por alguns minutos antes de continuar o trajecto estabelecido.

(Continua na 8.ª página)

3 de Agosto 17 anos depois do massacre de Pidjiguiti

3 de Agosto de 1959 — 3 de Agosto de 1976: 17 anos depois, o nosso Povo prepara-se para evocar, pela segunda vez após a libertação completa, o aniversário do massacre de Pidjiguiti, um dos crimes mais abomináveis praticados pelos colonialistas na nossa terra.

As centenas de mortes e feridos, a repressão brutal que se abateu sobre o nosso povo e, em especial, sobre a população de Bissau, traduziu o medo que os colonialistas sentiram face à primeira manifestação organizada da consciência política das massas trabalhadoras, em particular da capital.

O nosso Partido soube tirar as devidas lições do massacre de 3 de Agosto: desenvolvendo a sua organização, fazendo avançar a luta, o P.A.I.G.C. conduziu o nosso povo de vitória em vitória, culminando uma exemplar luta de libertação nacional com a independência das nossas terras na Guiné e em Cabo Verde, sob novas formas, pela conquista da independência económica e de uma vida de paz e progresso para o nosso povo.

Na próxima terça-feira, feriado nacional, o massacre de Pidjiguiti, dia da solidariedade internacional para com o nosso povo em todos os cantos das nossas terras livres.

Em Bissau, o Presidente Luiz Cabral e dirigentes do país estarão presentes num comício a realizar na Praça dos Mártires do Colonialismo, precedido por desfile popular desde a Praça dos Heróis Nacionais. À tarde, haverá comícios em todos os bairros da capital, realizando-se igualmente uma confraternização dos marinheiros do Comité 3 de Agosto. Depois de amanhã, segunda-feira, haverá reuniões em todos os locais de trabalho, sobre o significado do dia.

Guiné-Bissau na reunião da CEDEAO

O representante da Guiné-Bissau na Conferência Ministerial da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental, já regressou ao país. Abubacar Turé, director geral dos assuntos jurídicos e consulares do Comissariado dos Negócios Estrangeiros, participou na reunião que decorreu na cidade de Accra, capital do Ghana.

O encontro integrou todos os Estados membros da organização e as sessões foram presididas pelo Comissário da Planificação Económica do Ghana, Robert Gardiner. Durante dois dias foram discutidos cinco protocolos que serão anexados ao documento da CEDEAO. Três temas já estão aprovados: constituição de um fundo de desenvolvimento económico dos países membros, regulamentação das exportações entre os países da organização com um terceiro país e acordos comerciais.

Dois protocolos, relacionados com os produtos de origem dos países da CEDEAO e a avaliação de receitas de um Estado membro da organização, foram apenas analisados. Deverão ser submetidos à aprovação no próximo encontro, que será realizado no mês de Agosto, em Taço ou Benin, uma semana antes da Cimeira dos Chefes de Estado que dará um parecer final sobre os documentos e a sua assinatura.

LIBANO: Acordo Siria — OLP
(Pag. 2)

Pedro Pires ao "Nô Pintcha" A reconstrução nacional e a unidade Guiné — Cabo Verde

O Primeiro-Ministro de Cabo Verde, Pedro Pires, sabe que existem dificuldades para reconstruir um país. No primeiro ano de independência, o seu Governo enfrentou vários obstáculos para tentar mudar a estrutura económica, as relações sociais e elevar o nível cultural da população. Depois de 500 anos de colonialismo, a situação é difícil nas ilhas de Cabo Verde. Um ano de independência serviu, acima de tudo, para mostrar claramente as deficiências estruturais, a falta de quadros administrativos e a necessidade de mobilizar o povo para a luta. A participação popular será decisiva para o desenvolvimento do país. Mas ainda não existe. O trabalho do Partido precisa ser intensificado. Pedro Pires fala sobre isso, analisa os resultados de um ano de independência e faz uma autocrítica. Muita coisa falhou, mas agora o Governo de Cabo Verde já começa a conhecer melhor as realidades.

«O primeiro ano da nossa independência foi um ano de experiência, de estudo e de aprendizagem. Posso dizer que foi um

ano de aquisição de conhecimentos sobre a nossa realidade. Aprendemos muito, travámos uma luta importante para a consolidação e construção da independência económica. Fizemos algumas realizações. Na vida de um povo um ano não significa absolutamente nada. Por exemplo, o nosso Partido vai fazer 20 anos de existência como organização política e, para chegar à independência, foi preciso uma luta política e militar de 18 anos.

(Continua nas páginas centrais)

Assembleia da Saude em Bissau Assistência médica ao serviço do Povo

Há três dias que em Bissau se fala exaustivamente de problemas da saúde. Nas instalações da Associação Comercial está a decorrer desde quarta-feira a II Assembleia Anual da Saúde, que só termina no domingo. Delegados de todo o País vieram expor as principais dificuldades que encontram nas suas regiões. Os directores dos hospitais de Bissau e os responsáveis dos diversos departamentos públicos ligados ao Comissariado da Saúde e Assuntos Sociais também estão presentes para dar conta do trabalho realizado (ou não) ao longo de um ano. De Cabo Verde, no âmbito da unidade que dia a dia se constrói entre os dois países dirigidos pelo PAIGC, veio uma delegação chefiada pelo ministro Manuel Faustino. A partir das exposições e debates se tentará efectuar um balanço crítico da actividade desenvolvida, encontrar soluções para os problemas mais urgentes e também, desde já, definir a política nacional de saúde da Guiné-Bissau. (CENTRAIS)

JAAC: Dissolvida a comissão da Região de Bissau
(Pag. 7)

Distribuição de gás brevemente normalizada

As dificuldades na aquisição de gás engarrafado poderão ser solucionadas brevemente. A empresa «Costa Campos Limitada», responsável pela distribuição de gás para a capital, tem novos projectos. Está a estudar a viabilidade de importar vasilhames vazios de Portugal, para normalizar a situação. Até agora, a empresa distribuidora limitava-se a recolher os recipientes vazios para serem encheidos no reservatório da Sacor. Os problemas decorrentes da falta de vasilhames para o engarrafamento de gás começaram há algum tempo, logo após a independência do país. Anteriormente, os recipientes eram importados cheios de Portugal e enviados, novamente, para serem reenchidos. Mas a situação alterou-se. Por isso, a «Costa Campos» está interessada em começar a importar apenas os vasilhames, para suprir a falta existente no mercado.

Por outro lado, um dos planos da empresa relaciona-se com a importação de torneiras para a reparação dos va-

silhames estragados. Actualmente, existem em Bissau cerca de 1.200 recipientes danificados, que estão fora de circuito de comercialização. Porém, as dificuldades são ainda maiores. Varela, um dos funcionários da «Costa Campos», lamenta a falta de colaboração do público:

— As pessoas não procuram colaborar. Com todos os problemas que enfrentamos, a população continua indiferente e guarda em casa os vasilhames vazios, em vez de devolvê-los à empresa, para serem reenchidos. Essas atitudes prejudicam todos. Os consumidores deveriam assumir uma posição diferente, ter um sentido colectivo para se ajudarem mutuamente. Nós podemos fazer apenas aquilo que está ao nosso alcance.

Neste momento, a «Costa Campos» não possui vasilhames cheios de reserva. Portanto, só pode fornecer gás três ou quatro dias após a entrega dos recipientes. Antes, todos os dias, os carros da companhia distribuíam gás ao domicílio.

JAAC REORGANIZA-SE Dissolvida a Comissão da Região de Bissau

Foi dissolvida a Comissão de Organização da JAAC da região de Bissau. Esta decisão enquadra-se na reestruturação profunda a que se procede na organização juvenil do Partido, a «Juventude Africana Amílcar Cabral».

No final de reuniões efectuadas nos últimos dias em Bissau, presididas pelo Secretário-geral da JAAC camarada Chico Bá, membro do C. E.L. do Partido, decidiu-se também criar uma Comissão Nacional da JAAC para as comemorações do XX aniversário do P.A.G.C.

A direcção da JAAC distribuiu, a propósito, o seguinte comunicado:

«Sendo a Juventude a força principal da nossa revolução, existe actualmente uma necessidade imperiosa da sua reestruturação, de forma a adaptá-la às novas exigências da luta, podendo assim desempenhar cabalmente a sua missão. Foi nesta base e no cumprimento da palavra de ordem da Direcção Superior

da JAAC — «REESTRUTURAR A JAAC» — que se realizaram nos dias 22, 23 e 28, reuniões presididas pelo Camarada Chico Bá, membro do Comité Executivo da Luta e Secretário-Geral da JAAC, tendo participado nelas, além dos membros da Comissão de Organização da JAAC nas Regiões de Bissau, Cacheu e Bafatá, elementos da Comissão de elaboração do projecto de Estatutos da Organização e os membros dos Comités da JAAC nos Bairros do Sector de Bissau.

Nestas reuniões discutiu-se profundamente o problema actual da JAAC, causas que impediram em parte o avanço do trabalho da Organização e as medidas a serem adoptadas no futuro, para pôr fim a esse impasse, estatutos e reestruturação total da JAAC.

No final das três reuniões, que foram bastante frutíferas, tomaram-se decisões importantíssimas, que virão no futuro permitir o rápido desenvolvimento do trabalho político-administrativo da Organização e dotá-la da sua real estatura quer ao nível Nacional como Internacional. Entre as decisões tomadas, a mais importante é a dissolução, a partir desta data, da COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO DA JAAC DA REGIÃO DE BISSAU (CORB) e a criação de uma Comissão Nacional da JAAC para o XX Aniversário, ficando para breve a comunicação dos elementos que passarão a fazer parte das Comissões que dirigirão no futuro a Organização em todo o País. Ainda no quadro dessas reuniões foi criada uma Comissão da JAAC na Região de Bissau também para o XX Aniversário».

Abílio Duarte em Bissau

O camarada Abílio Duarte, do Comité Executivo da Luta do Partido e ministro dos Negócios Estrangeiros da República de Cabo Verde, chegou a Bissau, donde seguiu para a República Democrática Alemã, em viagem privada. Aquele dirigente do nosso Partido foi recebido no aeroporto de Bissalanca pelo seu homólogo guineense, Víctor Saúde Maria.

RESPONDE O POVO

Que cinema temos? (3)

Muitas pessoas não frequentam o cinema de Bissau. Discordam da programação, contestam a ideologia dos filmes exibidos e o seu aproveitamento social. Depois de dois anos de independência, o cinema continua a transmitir ao povo uma visão distante da realidade. Apresenta os «westerns» americanos, os filmes japoneses de Kung Fu e Karate e outras produções de terceira qualidade. O País continua a comprar os enlatados feitos em série, de fácil comercialização, que contribuem para atrofiar o desenvolvimento cultural da população. Uma parcela do público tem uma opinião crítica sobre isso.

A. Soares Lopes Jr., 24 anos, locutor de rádio: «Não vou ao cinema, não porque não gosto, mas porque o nível dos filmes apresentados na UDIB é negativo. Do ponto de vista ideológico, esses filmezcos, tipo Kung Fu e cowboiadas, prejudicam o trabalho político, principalmente nas cidades, como Bissau e Bafatá, onde as pessoas tiveram mais contacto com o colonial fascismo português. Claro que sei que há uma série de problemas de carácter económico que influenciam o critério, a selecção e importação de filmes. Não podemos ficar, eternamente, agarrados a esse tipo de argumento, que não justifica o nosso objectivo: o aparecimento do homem novo. Também, não concordo com a ideia de que não se podem projectar bons filmes, porque o público não aparece. Se houver um trabalho de esclarecimento amplo, mesmo a nível de Comités

(tanto de bairros, como de repartições) o público começaria a marcar a sua presença. Aliás, tivemos oportunidade de ver na semana de filmes argelinos, que o público apareceu, pois houve esclarecimento antes da projecção. Para exemplificar melhor, ainda recentemente, e para quebrar o meu divórcio com o cinema, aproveitando a iniciativa de um comité de bairro, fui ver a «Doce palavra liberdade». A UDIB estava cheia nesse dia. Falei da questão económica, mas é bom saber que há bons filmes, tão ou mais rentáveis que qualquer cowboiada ou comédia italiana. Uma coisa é certa, o nosso povo está ávido de bom cinema. Ele merece e a reconstrução nacional assim o exige.

Zeca Martins, 27 anos, funcionário: «Só vou ao cinema de vez em quando. Gosto de ir quando exibem

bons filmes. Aprecio muito os filmes de guerra, como as guerras mundiais, guerra civil Espanhola, Vietname, União Soviética. São filmes que tratam também da revolução política. Sugeria que apresentassem e divulgassem filmes dos outros povos, sobre o que fizeram para o progresso do seu país. Tudo isso está relacionado com a nossa evolução política e nesta fase, os filmes políticos têm muito interesse.

Antonietta da Conceição Silva, 19 anos, professora-estudante: «Vou ao cinema de vez em quando só porque em Bissau não existe outro divertimento. Mas nós precisamos de filmes contrários a esses que aparecem, para instruir o nosso povo. Filmes dos quais se possa tirar alguma coisa nova e útil para a nossa sociedade. As pessoas estão habituadas a um determinado tipo de filmes, e seria necessário um trabalho de preparação para que o público se acostumassem com os filmes bons. Os dirigentes da UDIB têm uma grande preocupação e me apresentarem filmes de Bangue-bangue. Mas quando há bons filmes, os assíduos do cinema não aparecem. Talvez seja por isso que eles importam essas produções que têm mais aceitação».

NO PINTCHA

Trisemanário do Commissariado de Informação e Turismo

Sai às terças, quintas e sábados

Serviço Informativo das Agências; AFP, APS, TASS, ANOP e Prensa Latina.

Redacção, Administração e Oficinas, Avenida do Brasil

TELEFONES

Redacção: 3713/3728

Administração

e Publicidade — 3726

ASSINATURAS (Via Aérea)

Guiné-Bissau e Cabo Verde

Um ano 400,00

Seis meses 250,00

Outros Países Africanos,

e Portugal

Um ano 500,00

Seis meses 300,00

Serviços de Distribuição

e Vendas do «NÓ PINTCHA»

— Caixa Postal, 154

BISSAU — GUINE-BISSAU

FARMÁCIAS

HOJE — «CENTRAL» — Rua Vitorino Costa, telefone 2453.

AMANHÃ — «HIGIENE» — Rua António N. Bancá, telefone 2520.

SEGUNDA-FEIRA — «MODERNA» — Rua 12 de Setembro, telefone 2702.

TELEFONES

Hospital Simão Mendes — 2888/2867

Bombelros — 2222

Polícia:

Primeira Esquadra — 3333

Segunda Esquadra — 3444

Correios:

Informações — 2600

Radiodifusão Nacional — 2430

Aeroporto — 3001/4

TAP — 3991/3

TAGB — 3004

Aeroflot — 3002

Air Argelie — 3775/7

Serviços Municipalizados:

Água e Electricidade — 2411

(das 7h às 17h)

Assistência à rede eléctrica — 2414

(das 16h às 24h)

Chegadas e partidas de navios — 2922/5

RADIO

EMISSÕES:

Das 6 às 8, das 12 às 15 e das 17

às 24 h.

NOTICIÁRIOS:

As 7, 13h 15min, 17, 20h.

AGENDA DO DIA:

As 18h 45min.

CINEMA

HOJE E AMANHÃ — As 18h 30 minutos

«Almas a Nu», realização

de Jean Chapot com Alain Delon,

Simone Signoret, Renato Salvatori,

Catherine Allegret, Paul Crauchet e

Bernard Le Coq — m/14 anos. As 20h 45 minutos

«O dia da violência», realização

de Roger Comman com Don Stroud,

Pat Hingle e Diane Varsi.

SEGUNDA-FEIRA — As 20h 45 minutos

«Não há fumo sem fogo»,

realização de Alastair Reid com

Peter Finck, Shelley Winters — m/18 anos.

Olívio Pires:

"Elevar o nível político e ideológico dos quadros e militantes em geral"

O camarada Olívio Pires, do C.S.L. do Partido e da Comissão de Organização e Ideologia do Partido, em Cabo Verde, concedeu recentemente uma entrevista ao semanário «Voz do Povo», da qual transcrevemos as passagens mais significativas:

— Com a Proclamação da Independência, o trabalho da estrutura do Partido passou para uma fase nova em Cabo Verde. O que distingue e caracteriza estas duas etapas?

— A realização do Programa do nosso Partido foi sempre encarada como uma luta longa e ininterrupta mas que deve ser realizada por fases, não globalmente. E cada fase histórica de luta tem os seus métodos, as suas táticas, os seus objectivos imediatos (que, por vezes, não analisados no seu aspecto dialéctico, podem parecer estar em contradição com a meta final).

Vivemos já, em Cabo Verde, 3 fases distintas no processo de luta conduzido pelo PAIGC: a clandestina e as duas a que o camarada repórter se refere.

Foi na fase clandestina que se forjaram os futuros quadros do nosso Partido em Cabo Verde.

No que respeita às duas últimas, podemos classificar a que precedeu a Independência de fase de implantação total a nível nacional (crescimento acelerado). E a última, de consolidação das estruturas implantadas.

A fase pré-independência foi uma fase de agitação e mobilização, de organização e politização que visava sim, a tomada do poder, mas que, para isso, tinha de destruir por todos os meios, o poder colonial.

Com a independência, o Partido toma o poder e, com isso aumenta a sua responsabilidade histórica. A tomada do poder nunca foi um fim mas sim um meio para realizar os objectivos expressos no Programa.

É ao nosso Partido, como a força mais activa, melhor organização e preparada ideologicamente, que cabe a tarefa de equacionar os problemas e perspectivar, a curto, médio e longo prazo os objectivos a atingir pelo nosso povo. Pelo que a sua consolidação se torna necessária e urgente.

Quaisquer que possam ter sido os nossos erros, acho que vencemos a fase pré-independência com bastante êxito.

O nosso povo aderiu maciçamente aos ideais do nosso Partido, prova, aliás, da justiça da sua linha, e conseguimos estruturar a nível nacional, uma organização cobrindo todas as ilhas, bastante sólida e eficiente, sobretudo se atendermos ao factor tempo.

— A adesão do nosso povo ao Partido é massiva. Essa adesão massiva exige, por seu lado, um esforço de organização constante, passada a fase de agitação política que precedeu a independência.

Quais os problemas que põe a consolidação e o alargamento

das estruturas da Organização do Partido?

— O problema que se nos põe actualmente é mais de qualidade que de quantidade, pois o trabalho de formação de quadros não conseguiu, apesar dos esforços feitos, acompanhar o ritmo do crescimento do Partido.

Devemos melhorar o funcionamento da organização, elevar o nível de preparação política e ideológica dos nossos quadros e militantes em geral.

Os núcleos de base (grupos), pelo papel que lhes é atribuído como vanguarda do nosso povo, vêem-se confrontados diariamente com problemas aos quais nem sempre, por falta de conhecimentos, conseguem dar a melhor solução. Isso, talvez, a nível dos locais de trabalho como nas reuniões com a população.

Eis porque uma atenção especial vai ser dada aos organismos de base, onde quer que se encontrem sobretudo nas empresas e repartições públicas.

Os grupos do Partido devem melhorar a sua formação política e ideológica, aprender a organizar as suas reuniões para que estas tenham um conteúdo político real e possam favorecer a realização das tarefas concretas nos locais onde recaia a sua acção.

Tanto as reuniões dos elementos de base (e não só), como as feitas com a população, geralmente não são preparadas.

Evidentemente, um sério obstáculo que temos que vencer nessa tarefa, é o baixo nível cultural do nosso povo (portanto dos militantes em geral), sobretudo no campo. O analfabetismo é grande. Para o bom funcionamento do Partido e do Estado, a alfabetização é uma tarefa urgente, na qual se deve concentrar uma grande parte dos nossos esforços.

Conjuntamente com o Ministério de Educação, pensamos, brevemente, empenhar-nos na erradicação de mais este flagelo deixado pelo colonialismo.

— Sobretudo durante a fase de transição, a Organização do Partido exerceu na prática o poder de estado a nível local.

Em que medida tal etapa já foi ultrapassada pela instituição de uma nova administração?

Até que ponto foi politicamente positiva para os quadros do Partido essa experiência de administração?

— Com a instituição de uma nova administração e com a concepção que a direcção do Partido tem das relações que devem existir entre o Partido e o Estado, cessou automaticamente o exercício directo do poder de Estado pelo Partido. Isso, teoricamente, pois, na prática, levou algum tempo, devido a factores vários. A própria população, não favorecia a boa marcha das coisas pois, para ela todo o poder estava nas organizações do Partido.

Outras vezes, os responsáveis do Estado não se mostraram à

altura das responsabilidades.

Ainda hoje, a etapa não está totalmente ultrapassada, pois em muitas localidades ainda não existem os órgãos locais de poder, sendo este exercido, portanto, pelo Partido. Mas contamos que, com a instauração dos órgãos locais de poder em todas as localidades, como se pretende, ficará resolvido o problema.

A experiência do exercício do poder pelos órgãos locais do Partido não foi negativa. Antes pelo contrário. Nalguns casos pode-se adquirir uma visão global dos problemas, necessária aos métodos do Partido que dirige a sociedade.

— Camarada Olívio Pires, gostaríamos que fizesse um balanço do trabalho de preparação ideológica dos quadros do Partido.

— O nosso Partido, várias vezes ao longo da sua história, tem chamado a atenção para o problema da ideologia nos movimentos da libertação nacional.

Já em 1961, Cabral, referindo-se a uma crise na revolução africana, pensava que ela era sobretudo uma crise de conhecimento. Dizia que, em vários casos, a prática da luta de libertação e as perspectivas do futuro apresentam-se não só desprovidas de uma base teórica, como também mais ou menos desligadas da realidade concreta do meio.

Em 1966, em Havana, referia-se à deficiência, ideológica, para não dizer falta total de ideologia, da parte dos movimentos da libertação nacional, como constituindo uma das maiores, senão a maior fraqueza da nossa luta contra o imperialismo.

Evidentemente a ideologia não deve ser desgarrada do seu contexto real, para não cair no idealismo, nem subordinada pura e simplesmente às condições objectivas, para não se cair no mecanicismo.

Nas condições de total isolamento político em que o nosso povo viveu durante o período colonial, o processo de formação ideológica deveria obedecer a condições específicas. Tivemos de começar pelo abc e, gradualmente ir avançando e aprofundando na doutrina legada pelo fundador do Partido, Amílcar Cabral.

Hoje, há novas exigências. A própria consolidação do Partido exige conhecimentos aprofundados, pelo que estamos pensando seriamente no problema da formação de quadros.

A par das reuniões habituais, fazendo parte da própria rotina do Partido, dos seminários realizados nalguns pontos das nossas ilhas, das palestras dos dirigentes do Partido e das directivas da Direcção Superior pensamos organizar cursos de curta, média e longa duração, tanto no exterior como dentro do país. Pensamos brevemente criar uma escola do Partido, a fim de melhor difundir as suas ideias e melhorar a formação política dos nossos militantes.



Amílcar Cabral

"Como os colonialistas garantiam a sua dominação"

[...] Todos eram cidadãos em Cabo Verde, mas estabeleceram todo um sistema de exploração grande, baseado nos donos das terras, só para não deixarem o povo de Cabo Verde, levantar-se. E se é verdade que em Cabo Verde relativamente mais escolas do que na Guiné, a verdade também é que limitaram o número das escolas para que o povo não avançasse muito. E além disso, no começo, Cabo Verde tinha grandes possibilidades agrícolas, tem ainda, com a técnica moderna que existe, tem ainda, mas tinha muito maiores possibilidades agrícolas naturais. Foi produzido em Cabo Verde muito algodão, muita cana de açúcar, anil (indigo), etc.. Mas eles exploraram isso ao máximo, muitas terras estragaram-se, começaram a secar (aliás em Cabo Verde houve sempre uma zona de secas porque tem grande influência dos ventos que vêm do Saara, do deserto do Saara, que é no Norte do Senegal e Mauritânia) e as pessoas começaram a morrer de fome. O colonialismo português explorou isso, para perpetuar a sua dominação em Cabo Verde. Nunca fez nada para acabar com a fome em Cabo Verde. O descaramento dos tucas chegou a um ponto em que em 1948, por exemplo, depois das grandes fomes de 1942, quando parecia que ia haver outra crise, os estudantes das colónias portuguesas fizeram uma reclamação junto do Ministro Vieira Machado por causa da fome que havia outra vez em Cabo Verde. Ora o ministro disse-lhe que não tinham nada que protestar porque dessa vez talvez só morressem dez mil pessoas.

Além disso, utilizaram as fomes de Cabo Verde para retirar os caboverdianos, como escravos, como contratados, forçados, para levarem para S. Tomé e Angola, para irem enriquecer os donos das roças dessas colónias que são os tucas também. São meios que o arranjou, além da administração, da tropa e da política, para garantir a sua dominação na nossa terra.

E parecia que tudo estava bem, que ninguém pensava em revoltar-se, algum que se atrevesse a protestar era espancado, abafado. Tanto na Guiné como em Cabo Verde o tuga estava convencido que não haveria revoltas. Mesmo em Angola e em Moçambique. Entretanto, devemos dizer que sempre houve, tanto na Guiné como em Cabo Verde, gente que procurava a maneira de organizar-se para impedir a opressão dos colonialistas portugueses, embora muitas vezes não soubessem que era o colonialismo ou o imperialismo que os dominava.

Não podemos ter a pretensão de que nós fomos os primeiros a pensar na liberdade do nosso povo, isso não é verdade. Outros também pensaram nisso. Houve mesmo prisões, julgamentos por causa de revoltas na Guiné, várias vezes. Isso além do facto que durante 50 anos e povo combateu contra a ocupação 1937, na verdade, embora eles digam que foi Teixeira Pinto quem fez a pacificação, só em 1937 na verdade colonial portuguesa na Guiné. Sabemos que só em é que os bijagós de Canhabaque entregaram as armas, segundo dizem. Sabemos como foi que isso aconteceu, mas de facto foi nesse ano que acabaram os tiros e as revoltas abertas na Guiné. Mas, depois, várias pessoas tentaram fazer alguma coisa, embora desorientadamente, embora sem saberem bem o que estavam a fazer. Mesmo o meu pai que durante parte da sua vida foi professor na Guiné, estava envolvido em revoltas. Sabemos quanta vigilância tinham sobre Benjamin Correia, embora Benjamin Correia pensasse só na sua barriga, ao fim e ao cabo, porque o seu objectivo era ser capaz de explorar a nossa gente como o tuga explora, isso é que ele queria. Boa loja, bom comércio, se os alemães o deixassem, porque era antes empregado dos alemães. Sabemos também que Honório da Costa, advogado, teve também problemas. Várias tentativas de revolta, prisões, mas que não conseguiram avançar nada».

**"Não é só
que poder
e a constr**

(Continuação da 1.ª página)

Isso representa pouco, mas são 365 dias em que enfrentamos e resolvemos problemas graves. Ao fazer uma análise das nossas actividades neste primeiro ano de liberdade, comparando o que existia e o que existe hoje, verificamos que demos alguns passos. Mas não significa nada. Depois de ver o que aconteceu no tempo colonial e o que acontece agora, é possível concluir que houve mudanças extraordinárias na vida do nosso povo.

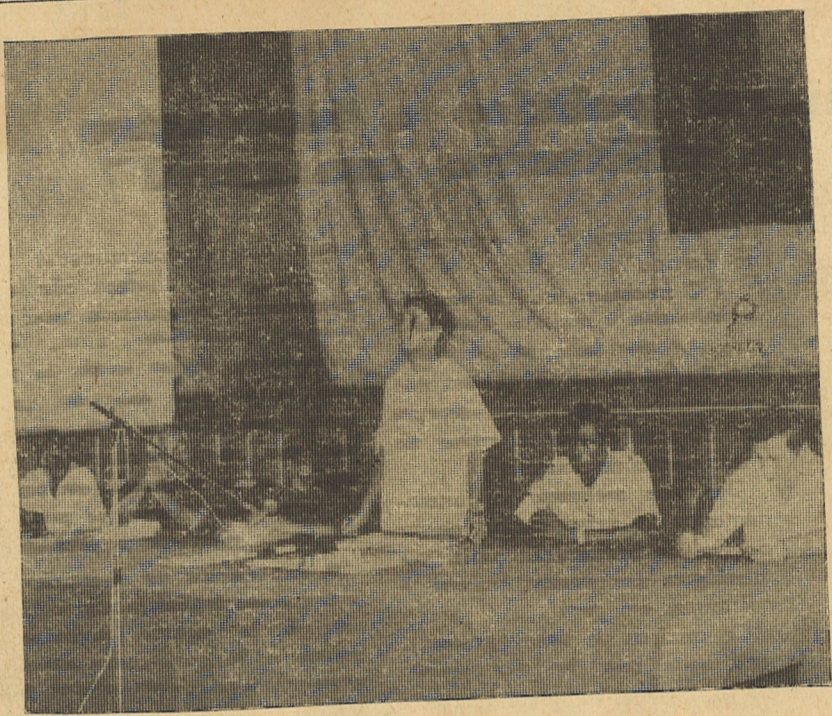
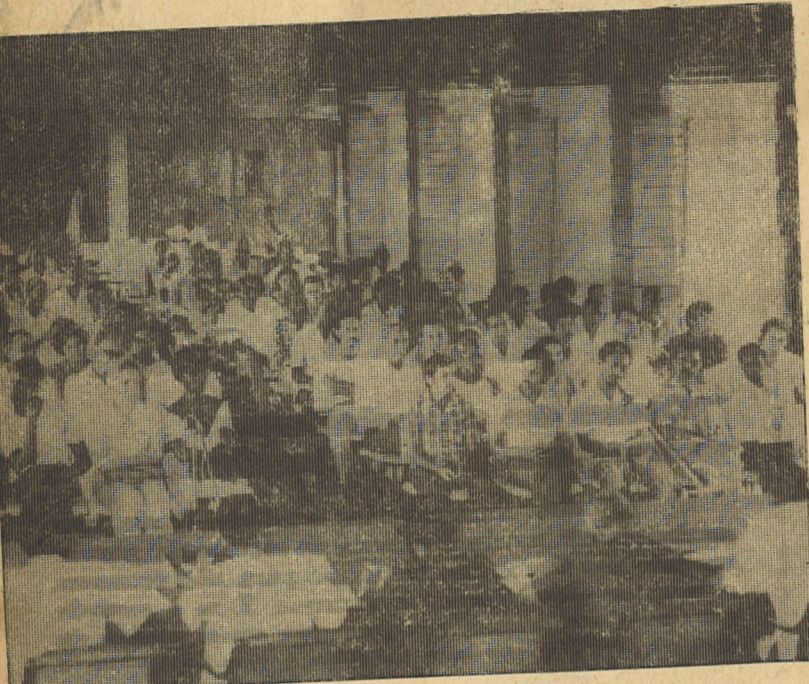
Passámos de indivíduos sem responsabilidades, a homens conscientes e responsáveis. A nossa história era rebocada pela história portuguesa. Agora é feita pelo povo. Poderiam dizer que a fizemos correctamente ou incorrectamente. Mas parece-me que a fizemos correctamente, de acordo com os interesses do povo, no sentido da consolidação da independência. O nosso Governo tem trabalhado nesse sentido. A consolidação da independência passa por muitas fases obrigatórias: aumento da produção, independência económica, política e nacional. É preciso perseverança nas nossas capacidades.

Nós estamos a agir como um povo, como um Partido, com a sua ideologia própria. Seguimos um caminho traçado. Como o camarada Cabral dizia: «um caminho de independência de acção e pensamento». A nossa maior preocupação, durante o primeiro ano, foi consolidar a independência e isso só é possível através de transformações grandes da consciência, de sacrifícios diários. Da



Pedro Pires condecora um pioneiro

«NÓ PINTCHA»



Sessão inaugural da II Assembleia Anual de Saúde, em Bissau: a mesa da presidência e um aspecto da assistência

Assembleia da Saude em Bissau Colocar a assistência médica e sanitaria ao serviço da população

(Continuação da 1.ª página)

O Comissário de Estado da Saúde e Assuntos Sociais adiantou, na sessão inaugural, as directivas a que vai obedecer a política de saúde que se pretende adoptar no nosso país. Ampla descentralização com autonomia para as regiões; prioridade às pequenas unidades sanitárias; e preferência pela medicina colectiva e preventiva paralela são as três linhas mestras da futura acção do Comissariado da Saúde.

O secretário-geral daquele Comissariado, camarada Manuel Boal, viria a explicar que o objectivo desta política consiste em «elevar ao mais alto nível possível a saúde física, mental e social das populações, de modo a que esse esforço beneficie a todos, sem qualquer limitação ou discriminação». Para isso «temos de encontrar maneira de estabelecer uma linha de assistência médica e sanitária de modo a que toda a gente possa beneficiar da nossa acção, desde os habitantes das cidades principais até aos habitantes dos mais recuados pontos do País.

DAR AO INTERIOR, O QUE MERECE

Descentralização e prioridade às pequenas unidades sanitárias jogam simultaneamente nesse sentido. O que se pretende é que os serviços periféricos estejam em condições de responder às necessidades sanitárias da população. Que esta não tenha de recorrer aos grandes centros para resolver os seus problemas de saúde. Que no local onde mora encontre médico, enfermeiro, posto sanitário, medicamentos. É que os responsáveis por estas estruturas locais disponham de ampla capacidade de iniciativa e decisão, de modo a sentirem-se

realmente responsáveis e a actuarem com responsabilidade.

A ideia do Comissariado da Saúde não é abandonar Bissau a si própria. A capital do País terá o seu hospital de nível internacional, um hospital de especialidades. Ao mesmo tempo, as outras regiões serão dotadas de pequenas unidades sanitárias, vocação para a acção curativa e preventiva. Por cada hospital grande, podemos construir cinco pequenos hospitais. Estes acarretam menores despesas de construção e manutenção e são mais fáceis de gerir. Além de que um hospital grande só tem sentido num grande centro urbano, onde só é utilizado por uma minoria que vive na cidade.

«Temos que dar a Bissau o que Bissau merece, sem roubar a outras regiões o que elas necessitam». Efectivamente, a região de Bissau representa apenas um sexto da população do país. E no interior ainda há muita gente que morre, por falta de médicos, enfermeiros e equipamentos.

ANTES PREVENIR QUE REMEDIAR

A medicina preventiva é outra opção fundamental. Até aqui, pouco tem feito nesse campo. O Serviço de Higiene e Combate às Grandes Endemias, apesar do seu nome pomposo, tem tido uma actividade bastante modesta. E o departamento do Comissariado da Saúde que dispõe de menos equipamento e pessoal, e vive à custa da solidariedade internacional. Não admira que a sua acção não consiga obter grande eficácia. O ano passado ministraram-se 60 mil vacinas contra o sarampo, mas este ano o serviço só acorreu aos locais onde se haviam já desencadeado

focos de sarampo. É preciso vacinar toda a gente contra as doenças mais susceptíveis de atacar o nosso povo. Assim, a pouco e pouco, elas serão banidas da nossa terra.

«A prevenção da doença é menos cara do que a sua cura», elucidou Manuel Boal. Efectivamente, para evitar o paludismo, basta tomar um comprimido de nivaquina por semana. Ao passo que para curar esta doença, são necessários dez ou mais comprimidos. Fora o resto.

Mas a acção preventiva da medicina não se resume às vacinações. Tanto assim que, nos países mais avançados da Europa, praticamente já não se usam as vacinas. A prevenção da doença está nas boas condições de habitação e de alimentação, e no nível de educação. «No dia em que na Guiné-Bissau formos capazes de criar para toda a gente casas dotadas de água corrente, reduzimos enormemente as doenças». Foi assim, que em Cuba se conseguiu banir doenças como o paludismo e a poliomielite.

É evidente que a acção do Comissariado da Saúde, por si só, é incapaz de resolver todos estes problemas. Aliás, como disse o camarada Comissário, a saúde não é um fenómeno isolado, que se possa desligar das actividades sócio-económicas do País. O nível de saúde de um país depende do seu nível de desenvolvimento, mas também o influencia. Um país de doentes não é capaz de operar grandes transformações. A medicina preventiva é, assim, um factor de desenvolvimento.

«A SAÚDE É A NOSSA RIQUEZA»

«É preciso que o homem seja o sujeito e o objectivo do desen-

volvimento», disse Manuel Boal, para acrescentar que «a saúde é a nossa única riqueza neste momento» e que por isso «temos que a preservar». «Só assim poderemos avançar. Se não, sere-mos um país doente».

Algo começou já a ser feito dentro das opções definidas. Estão em vias de construção cinco hospitais com vinte camas e, à volta de cada um, quatro postos sanitários. O critério de implantação destas unidades é a densidade demográfica. Pretende-se que cada posto sanitário seja capaz de servir a população que viva num raio de duas horas de marcha a pé.

No próximo ano, pensa-se construir mais cinco pequenos hospitais e dez postos sanitários, dentro do mesmo esquema.

Mas não basta construir estes estabelecimentos. Há inúmeros problemas a resolver, que vão desde a falta de quadros até à ausência de equipamentos, passando pelas dificuldades com a obtenção de medicamentos. E tudo isto depende das nossas possibilidades financeiras. No entanto, a saúde é uma questão prioritária. Por isso, teve grande significado a presença do Comissário de Estado do Desenvolvimento Económico e Planificação, camarada Vasco Cabral (em representação do Comissário Principal), na sessão inaugural.

Vasco Cabral deixou no ar uma esperança: «Estou convencido que esta assembleia vai ser um sucesso e dela sairão decisões que muito vão ajudar quer o Governo quer o Partido».

Nesta sessão, registou-se ainda a intervenção do ministro da Saúde e Assuntos Sociais de Cabo Verde, camarada Manuel Faustino, que fez uma exposição

(Continua na página 8)

Pedro Pires ao "Nô Pintcha": com boa vontade e idealismo nos atingir a justiça social unidade de unidade Guiné — Cabo Verde"

participação constante e de um trabalho conseqüente para aumentar o prestígio do Partido na nossa terra e o número de responsabilidades diante do Partido. Por outro lado também estivemos preocupados em conhecer a nossa realidade para, a partir dela, fazermos todas as coisas. Não é só em ideias, boa vontade e idealismo que podemos atingir de facto a justiça social, o fim da exploração e a construção da Unidade da Guiné-Cabo Verde.

Cabo Verde encontra-se num estado catastrófico. Devido a sete anos de seca consecutiva, enfrenta uma situação de fome. Neste momento foi possível criar condições para evitar o que aconteceu no tempo colonial, quando as pessoas morrem de fome. Conseguimos abastecer a nossa população e pela primeira vez em Cabo Verde há reserva de alimentos.

UM TERÇO DA POPULAÇÃO NÃO PRODUZ

Para obter o apoio e a solidariedade internacional, tivemos que orientar uma política externa bastante dinâmica. Junto das organizações especiais das Nações Unidas e do mundo inteiro, divulgamos a situação difícil em que vivíamos e, ainda, vivemos. Um terço população de Cabo Verde não produz. A nossa exportação está reduzida à sua expressão mais simples: as diferenças das exportações são maiores que as nossas necessidades de importações. Infelizmente não resolvemos esse problema. Podíamos ter resolvido. Sabemos que Cabo Verde não tinha nenhuma infraestrutura. É uma

terra em que a agricultura não existe por causa de irregularidade das chuvas. Partimos do princípio que devia existir a indústria para substituí-la. Deveríamos ter aproveitado as nossas possibilidades no domínio da pesca, mas isso não foi feito. O nosso esforço, este ano, foi o de conseguir meios para lançar um certo número de indústrias e aproveitar, de uma maneira ou outra, a nossa situação estratégica ou geográfica, que nos poderá ajudar muito.

Posso dizer que avançamos devido aos contactos no plano internacional. No aspecto do desenvolvimento, não realizamos nada de especial, mas criamos bases para a realização de alguma coisa. Tínhamos ilusões. Pensávamos que todas as coisas se realizavam rapidamente e que a nível internacional tudo era fácil. Verificamos que existem etapas a ultrapassar e, num ano de independência, não é possível realizar muita coisa. A solidariedade internacional teve um papel importante para nós. Temos feito um esforço para aproveitar da maneira mais útil e honesta, todo o auxílio que nos concedem. Contudo, não o utilizamos do modo mais perfeito. Não tínhamos experiência, procurávamos a melhor utilização possível.

Ainda não conseguimos transformar a mentalidade e as normas de trabalho. Não temos quadros para tal. As nossas experiências e conhecimentos não nos deram as perspectivas das dificuldades que tínhamos na nossa frente. Pouco a pouco aprendemos a actuar. Toda a ajuda e solidariedade internacio-

nal é canalizada para a criação da infraestrutura económica, que nos permitirá um desenvolvimento rápido. A situação social de Cabo Verde é muito difícil. Temos feito um esforço para que a população participe na solução de certos problemas de ordem social, higiénica e escolar.

Não aproveitamos nem 50 por cento das potencialidades do nosso povo. É mais um reflexo da nossa inexperiência. Parece-me que também por falta de confiança do nosso povo. Mas precisamos de começar a lutar para a ter. As ajudas não são aproveitadas a 100 por cento, devido à falta de mobilização das energias internas. Por isso digo que devemos ter confiança nas nossas cabeças. Empregar o dinheiro que existe para o desenvolvimento da nossa terra na criação de empregos, fazendo investimentos humanos. Cada um de nós devia dar um dia de trabalho ou outra coisa qualquer. Sem a participação de toda a população, não é possível sair da dependência económica e consolidar a independência política.

Para nós, em geral, e para mim, em particular, a consolidação da independência tem que partir da mobilização de todo o povo, para que cada um participe activamente. Só assim podemos diminuir a dependência em relação ao estrangeiro e aumentar o prestígio diante de quem nos ajuda ou de quem põe em dúvida a nossa independência. Num país como o nosso, sem dinheiro, existem duas alternativas: ou pagamos para que nos construam as coisas, ou através da mobilização, conseguimos que cada um participe conscientemente. Aqui reside o papel importante do Partido.

Chegamos à conclusão, neste ano de independência, de quem não tem condições financeiras, deve resolver os problemas através da mobilização e da participação. Por outro lado, os investimentos e o aproveitamento dos recursos nacionais têm uma importância decisiva na reconstrução de um país. É certo que essas coisas não podem ser feitas por um regime reaccionário, mas sim por um regime progressista como é o nosso.

DESEMPREGO EM MASSA NAS CIDADES

Necessitamos, igualmente de controlar os índices de desemprego e emprego que são problemas fundamentais de Cabo Verde. Podemos pensar que alcançaremos o desenvolvimento com as fábricas avançadas; é possível, mas se fizermos isso não podemos absorver a mão-de-obra, que é um dos problemas sociais. É preciso coordenar as



possibilidades de desenvolvimento com a criação de novos postos de trabalho. A situação social de Cabo Verde é caracterizada pelo desemprego generalizado. Desemprego em massa nas cidades e subemprego no campo. A nossa grande luta neste momento é criar postos de trabalho, mas não podemos lançar apenas o Estado sobre essa depressão. É preciso mobilizar recursos internos de participação, dos que têm dinheiro acumulado ou de poupanças de vencimento. Essas quantias poderiam ser depositadas num Instituto de Crédito e serviriam para criação de empregos. Esta é a nossa ideia e tem sido desenvolvida. Uma população como a nossa, com uma participação mínima mensal, poderá juntar uma quantidade enorme em dinheiro. Resolveria muitos problemas, como por exemplo o problema de habitação na ilha de S. Tiago.

Temos feito muito esforço para a criação de postos de trabalho através do Fundo Nacional de Desemprego. É um fundo obtido através da comercialização dos produtos e da ajuda alimentar que recebemos. Os postos de trabalho estão ligados à criação de uma infraestrutura contra a erosão, uma das condições fundamentais para o desenvolvimento de Cabo Verde. Este ano estamos a fazer uma grande campanha de arborização onde se prevê a plantação de 200 mil árvores.

Nós concebemos uma nova estrutura estatal, que ainda não está em prática, onde participam pessoas ligados ao programa do Partido. Avançamos, sem contudo, chegar ao estágio necessário. Criamos tribunais populares, cooperativas de consumo. Tentamos caracterizar o nosso Estado para permitir a participação, para defender o povo e os seus interesses. Uma parte dos seus anseios conseguimos realizá-la. Outra não, por falta de experiência. Não são, pensávamos, involuntariamente, que era só por uma questão de vontade ou de teoria que as coisas se realizavam. Não é

tão fácil aplicar a teoria na prática. Muitas vezes a pessoa indicada para participar não tem conhecimentos. Uma pessoa não aprende a nadar fora da água.

Precisamos aprender a administrar mesmo contendo erros, para avançar com a nossa linha de orientação. Uma administração deve ter estruturas, para permitir a participação da população. E as estruturas, em si, devem ser democráticas, possíveis. As pessoas que põem essas estruturas em prática, devem ter o espírito de as criar de modo a servir os interesses do povo. Nós herdámos uma administração colonial. Alguns indivíduos formados depois da luta de libertação deram a sua contribuição, mas não podemos considerar isso suficiente. Durante o tempo colonial tiveram hábitos que ainda subsistem nas suas mentalidades, que os influenciam. Devemos lutar contra estas coisas.

Estamos a lutar para criar um novo estilo de trabalho. Não trabalhar só para a promoção. O trabalho é para servir o povo, para que a nossa terra avance no caminho do progresso. Os trabalhadores não podem esperar a hora de fechar a repartição e cumprir as oito horas de trabalho diário. O mais importante é o trabalho realizado.

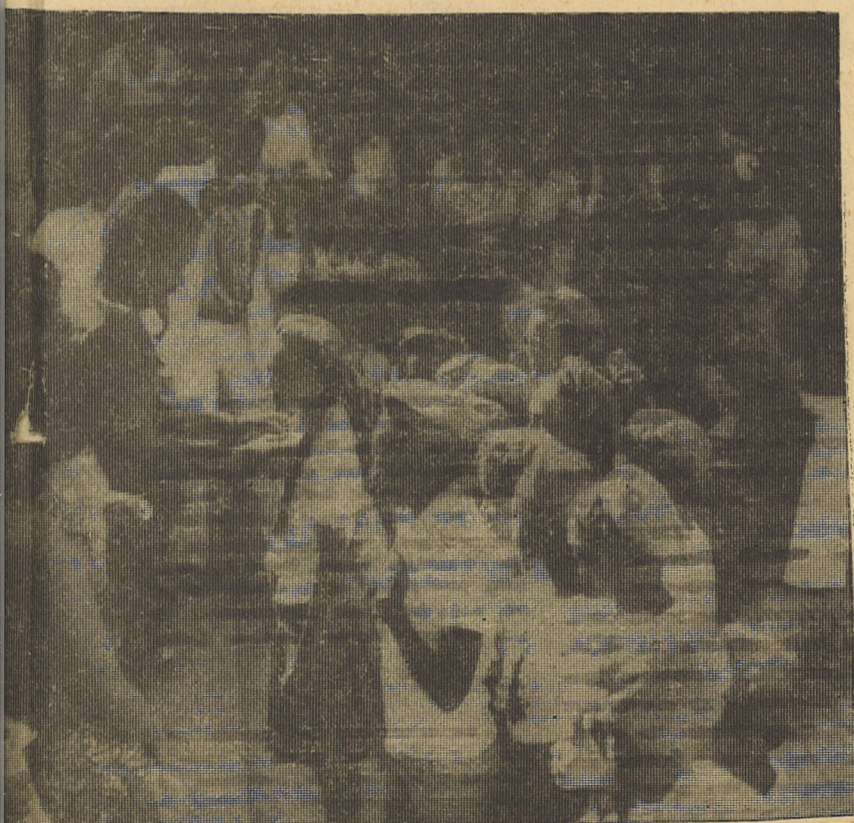
UNIDADE NÃO PODE SER DE CÚPULA

Actualmente, estamos a adoptar em Cabo Verde um novo estilo de vida. Sabemos que durante a época colonial haviam hábitos irresponsáveis, individualistas, voltados para a promoção. Estamos a combater isto para criar uma maior responsabilidade. A promoção humana deve estar ligada às capacidades. Não é possível administrar sem cumprir decisões. Uma direcção precisa ser objectiva, deve conhecer o dos seu ministério ou do seu departamento para poder dirigir corretamente. Não se pode dirigir sem ter conhecimento dos assuntos. A direcção deve confirmar se as decisões são postas, não deve basear-se apenas na confiança. É importante saber se as coisas foram cumpridas correctamente ou incorrectamente e porquê.

Todos os departamentos devem organizar os seus serviços de inspecção e controlo para conhecer a situação da administração, para ver se as normas são postas em prática. O Estado deve ter os seus serviços de controle e de inspecção, sobretudo no sector financeiro para verificar se o dinheiro é utilizado convenientemente. As pessoas, ao saberem que são controladas, procuram agir melhor e aumentam o sentido de responsabilidade. Devemos evitar o desleixo, pois a nossa administração deve ser eficaz e responsável. É perigoso deixar um indivíduo cometer erros durante anos, enquanto podíamos ajudar a evitá-los. Aí reside a necessidade do controle e da inspecção.

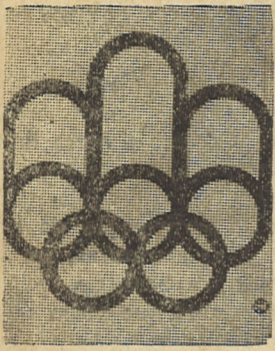
Para tudo isso, é preciso reforçar a organização do Partido e a sua autoridade. Só assim sere-

(Continua na 8.ª página)



do Partido no primeiro aniversário da independência de Cabo Verde

MONTREAL 1976 TERMINA AMANHÃ A XXI OLIMPIADA



XXI JOGOS OLIMPICOS

MONTREAL (AFP) — Dois campeões de pernas longas e de grande fôlego, o cubano Alberto Juantorena e a polaca Irena Szewinska, medalhas de ouro dos 400 metros masculinos e femininos e um homem com a mão comprida e o punho pesado, o peso pesado cubano Teófilo Stevenson, marcaram o décimo-terceiro dia dos Jogos Olímpicos de Montreal.

Juantorena, um magnífico atleta, de 25 anos de idade, apelidado de «o cavalo» pelos seus compatriotas, foi o primeiro duplo 400 e 800 metros dos Jogos Olímpicos. O cubano, um antigo jogador de basquete, ultrapassou no seu estilo de locomotiva, a 50 metros da meta, o americano Fred Newhouse, conseguindo em 44.26, o seu segundo título olímpico.

Por seu turno, Irena Szewinska, a melhor atleta da sua geração, devia dizer, logo depois de ter conseguido a sua sétima medalha e a terceira de ouro da sua brilhante carreira: «Corri pelo meu filho Andrez que tem seis anos e meio e que me via através da televisão».

quase tão possante, mas mais aérea que Juantorena, tinha melhorado antes, em 49.29, o seu próprio recorde de 46 centésimos de segundo. Ela tinha deixado a mais de um segundo as alemãs da RDA Chritina Brehmer e Ellen Streidt.

A RDA consolar-se-ia depressa desta derrota. Johanna Schaller, uma estudante de Erfurt de cabelos longos, conseguia por um pequeno centésimo de segundo a medalha de ouro dos 100 metros-barreiras, em 12.77, diante da soviética Tatiana Anisimova. Depois, surpresa da jornada, uma estreante, Evelin Schlaac, 20 anos, destronava no disco com um lançamento de 69 metros a soviética Fa'na Melnik, campeã olímpica em Munique e detentora do recorde do mundo.

Na jornada de quinta-feira, assistiu-se ainda ao triunfo dos cavaleiros da RFA em pista, segunda medalha de ouro em desportos equestres para a RFA, depois da de Alwin Schockemoehle em salto.

A Suécia conseguiu o seu primeiro título olímpico no concurso de espada por equipas, na qual bateu no termo de uma final muito disputada e que durou quase três horas a RFA, por oito vitórias a cinco. Para a Suécia, esse sucesso é a consagração de um domínio que começou logo após os Jogos Olímpicos de Munique. Ela devia traduzir-se em 1974 por um primeiro título mundial, seguido de um segundo em 1975.

Em Judo, o soviético Vladimir Nevzorov tornava-se campeão olímpico dos meio-médios, em detrimento do japonês Koji Kuramoto, encontrando-se os dois países iguados neste desporto com duas medalhas de

A polaca dotada de um estilo ouro cada um e duas de prata.

Ao futebol soviético atribuiu-se a última medalha de bronze, graças à sua vitória sem problemas sobre o Brasil, por 2 a 0.

AS COMPETIÇÕES DE QUARTA-FEIRA

Guy Drut, medalha de ouro dos 110 metros-barreiras, era previsível e lógico. A África do Sul, excluída da Federação Internacional de Natação, pressentia-se. Anders Gaerderud normalmente campeão olímpico dos 3 mil metros-barreiras, batendo o recorde do mundo, a jornada de quarta-feira foi rica em acontecimentos.

Esperava-se com impaciência a final dos 110 metros-barreiras. Ao princípio da tarde todos os favoritos estavam qualificados para alinhar à partida da última prova. O francês partiu normalmente, na primeira barreira foi ultrapassado por James Owens, o americano. Mas rapidamente Drut encontrou o seu ritmo para tomar o avanço na quarta barreira com Owens e Foster que se aproximavam. Até ao salto da última barreira ele manteria 50 centímetros de avanço. Suficiente para resistir à perseguição implacável do cubano Casanas e de Will Davenport, que consegue uma medalha de prata, a oitava depois da de ouro de México.

Em 13.30 Guy Drut, dá à França a sua primeira medalha de ouro e certamente a única dos Jogos Olímpicos de Montreal.

A final dos 110 metros-barreiras eclipsou com certeza todas as que tiveram lugar na quarta-feira no estádio olímpico. E contudo, Anders Gaerderud conseguiu mais uma vez um percurso sem falhas nos 3 mil metros-barreiras.

Ele arrebatou sem a menor emoção o título olímpico e melhorou o seu recorde do mundo da especialidade, enquanto que o seu rival na linha direita, Frank Baumgartl da RDA tocava na última barreira e deixava um lo-ro sueco arrancar para a vitória. Baumgartl encontrava no entanto recursos para se levantar e conseguir a medalha de bronze atrás do polaco Bronislaw Malinowski.

Desembarassada da campeã olímpica de Munique, Ulrike Meifarth, da RFA, Rosemarie Ackermann, campeã da Europa em Roma não teve o mínimo de problemas em afirmar a sua supremacia mundial em salto em altura com 1.93 e mais uma medalha para a RDA.

As outras provas de atletismo, sobretudo as finais, reservaram algumas surpresas. Assim, no martelo, Anatoy Bondarchuk, campeão olímpico, devia deixar o seu lugar aos seus compatriotas Youri Sedyk (77,52m) e Alexei Spiridonov (76,02m) para as medalhas de ouro e de prata. Nos 200 metros femininos os favoritos deveriam igualmente inclinar-se perante Baerker Eckert, da RDA.

O QUADRO DAS MEDALHAS

A União Soviética, à cabeça

no total das medalhas de ouro e no total geral, acentuou ainda mais o seu avanço na quarta-feira.

Ela conquistou os títulos em andebol masculino e feminino, e a de florete, feminino, em detrimento das francesas possuidoras de uma coragem e vontade espantosas.

Os outros acontecimentos desportivos do dia estiveram de acordo com a lógica. Assim, no comprimento, homens, encontramos na final os americanos Randy Williams e Arnie Robinson, o francês Jacques Rousseau, outro americano, Larry Myrrics, os Soviético Valery Podlujny. Assim como nos 1500 metros, todos os melhores estarão lá.

Os outros resultados da jornada foram eclipsadas por uma notícia que era aguardada: a exclusão da África do Sul da Federação Internacional Amadora de Natação. Com os sul-africanos foram também postos fora da FINA a Rodésia. Os bastiões racistas da África não resistiram à pressão dos países africanos.

A natação terminou, o atletismo está quase porque já estavam no dia de repouso, a jornada da terça-feira passada foi bastante competitiva: foram distribuídas 12 melhas de ouro, das quais cinco unicamente para as competições de vela.

Foi a Itália que mereceu palmas nesse dia. Com efeito, o seu extraordinário mergulhador Klaus Dibiasi, medalha de ouro no México em mergulho de alto voo, ainda medalha de ouro em Munique na mesma especialidade, conseguiu em Montreal a número três. Nunca tal tinha sido visto nos anais dos mergulhos. No basquete, os americanos, livres dos seus eternos rivais soviéticos, não deram nenhuma hipótese aos seus adversários jugoslavos retomando assim os americanos a medalha de ouro que tinham perdido em Munique.

Kingston, as provas de vela estão quase terminadas. Numa disciplina em que participaram com grandes ambições, os franceses regressarão sem a menor medalha. É de notar a magnífica dupla da RFA nos «470» e «flying dutchman», com Frank Huebner e Joerg Diesch. Os outros vencedores são aqueles que figuram entre os favoritos.

O Sueco John Atbrechston em «tempest» e Paul Jensen (Dinamarca) em «soling» não precisaram muito para demonstrar o seu talento. Mais inesperada foi a vitória de Jochen Schuman.

A medalha de ouro de polo aquático foi atribuída desde a véspera, depois da vitória da Hungria sobre a Roménia.

No alterofilismo, teve na quarta-feira a exibição dos «monstros», os super-pesados. O mestre incontestado da categoria, o soviético Vassili Alexeiv, não deixou a menor esperança aos seus adversários, apesar da coragem dos halterofilistas da RDA, Bonk e Losch. Os japoneses, que na segunda-feira, apresentavam uma cara triste depois de eliminação do seu judoka Sumio Endo na categoria dos pesos pesados, uma categoria e disciplina em que reinavam como senhores

há bem pouco tempo. Mas na terça-feira, o sorriso reapareceu nos lábios dos filhos do «país do sol nascente» com a vitória de Kazúhiro Ninomiya. Numa disputa final, o japonês conseguiu vencer dificilmente o soviético Ramz Khartiladze.

Uma vez mais, os franceses distinguiram-se pela sua total descrição nas provas olímpicas em vela, não fazendo mais que ilusões desde há muito tempo nos irmãos Pagot e em Serge Mauri.

Mais decepcionante foi ainda a derrota de Jean-Luc Rouge no judo. Sem pernas, nem entusiasmo, o campeão do mundo foi vencido desde as eliminatórias.

Em salto (jumping) Marc Rozier e Hubert Parot os dois cunhados, qualificaram-se para a final. Mas nada puderam contra a classe dos seus adversários, nomeadamente Alwin Schockemoehl.

AS MEDALHAS NA TERÇA-FEIRA

Depois das competições de terça-feira passada, em que foram entregues 127 títulos, existe uma nítida supremacia dos países socialistas. O quadro das medalhas: a URSS e a RDA encabeçam a tabela com um total de 80 medalhas para a URSS (29 de ouro, 29 de prata e 22 de bronze), 63 para a RDA (28 de ouro, 19 de prata e 14 de bronze). Em terceira posição vêm os EUA, com um total de 65 medalhas, sendo 22 de ouro, 25 de prata e 18 de bronze.

Reuniao africana de atletismo

Foi enviada ao Conselho Superior do Desporto Africano, uma proposta tunisiana pedindo-lhe que organize sob a sua égide e, se possível, até ao mês de Agosto, num lugar de África a designar um grande «meeting» de atletismo agrupando os atletas, africanos que deixaram a aldeia olímpica de Montreal e que assim renunciaram a sua participação nos Jogos. Em compensação os países que concorreram em Montreal não seriam convidados para esse «meeting». Nos meios africanos considera-se que, sem dúvidas, essa proposta será aceite.

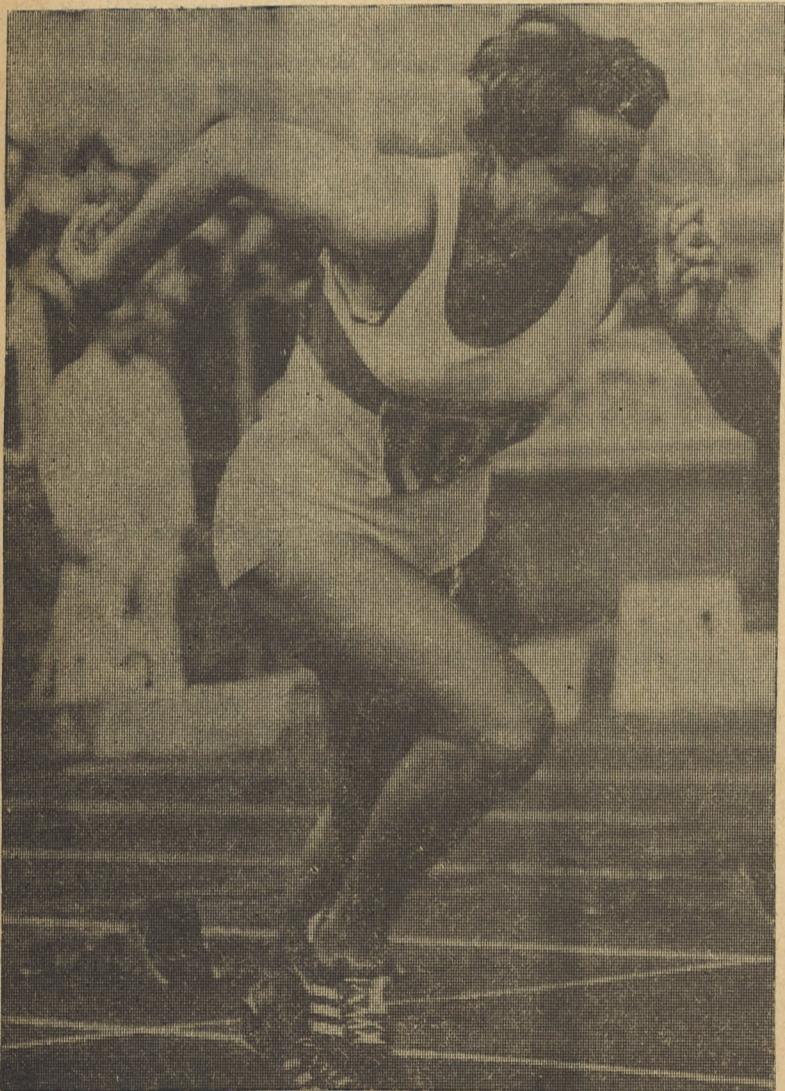
Pequenos anuncios

AGRADECIMENTO

O camarada Vjctor Freire Monteiro, Governador do Banco Nacional da Guiné-Bissau e família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente como seria seu desejo, vêm por este meio manifestar o seu profundo reconhecimento a todos quantos, nesta hora de tristeza profunda, os acompanharam na sua dor, pelo falecimento de sua esposa, *Maria Carolina Leles*.

AVISO

O departamento de Turismo avisa o público em geral de que a *Estância balnear de Bubaque*, se encontrará encerrada a partir de 1 de Agosto até 31 de Outubro próximos.



RENATE STECHER, da R.D.A., campeã olímpica dos 200 metros

Libano: Acordo sirio-palestiniense para a aplicação do cessar-fogo

DAMASCO (AFP) — O conteúdo do acordo sírio-palestiniense assinado na quinta-feira em Damasco foi tornado público ao fim do dia, no quadro de um comunicado comum sírio-palestiniense. O texto provavelmente dito do acordo comporta quatro pontos:

— Formação imediata de um

comité superior libano-sírio-palestiniense sob a presidência de um representante da Liga Árabe. Este comité supervisionará a aplicação do cessar-fogo, restabelecimento da segurança e o estabelecimento de um calendário para o desmantelamento dos aspectos militares que deverá ter lugar dentro de seis dias.

Este comité disporá das forças de segurança árabe actualmente no Líbano e de outras forças que o comité julgar úteis. Ele continuará no cargo até a entrada em funções do presidente eleito.

— Proclamação da aceitação de um cessar-fogo em todo o território libanês e para todas as partes assim que o comité o decidir.

As duas partes, síria e palestina, encorajarão todas as partes a um diálogo nacional sob a presidência de Elias Sarkis, diálogo cujo documento constitucional difundido em 14 de Fevereiro será a base.

— Convencionou-se que as relações entre as autoridades libanesas e a resistência palestina serão regulamentadas conforme o documento de trabalho sírio relativo às relações libano-palestinas e pro-

clamado em 14 de Fevereiro último e conforme o acordo do Cairo e aos seus anexos.

O texto toma igualmente em consideração «o direito do Líbano de não ver a resistência imiscuir-se nos seus assuntos internos e o direito da resistência de lutar a partir do Líbano».

Um comité libano-palestiniense será formado para estabelecer um calendário fixando a data da aplicação destas cláusulas. Este comité, indistinto de fonte bem informada será constituído durante as próximas 48 horas.

E. U. A.: A Imprensa e a opinião pública

ASHINGTON (TASS) — Apenas 30 por cento dos americanos acreditam no que anunciam os jornais e as revistas, e apenas 41 por cento têm confiança na televisão. Tais são os resultados de uma sondagem à opinião pública em Washington.

O semanário «Us News and Report» constatou que, segundo os americanos, os órgãos de informação estão «isolados» da opinião pública que são chamados a servir, abusam da sua influência e esclarecem «superficialmente e sem objectividade os problemas complexos contraditórios».

«A indústria de informação é nos Estados Unidos um dos ramos mais monopolizados da «alta finança». Duas grandes agências de informação, três corporações gigantes de televisão e cinco ou seis jornais dominam inteiramente o «mercado das notícias». Elas fornecem à população informações tendenciosas, frequentemente mentirosas, sobre os principais acontecimentos da política interna e externa ou outras vezes silenciam-se.

Wess Gallaher, antigo chefe do Associated Press, principal agência americana de informação, fez uma eloquente declaração na conferência anual do pessoal desta agência:

«Muitos leitores consideram a nossa imprensa como um comércio criador que procura não a solução dos problemas, mas histórias escandalosas. Isso repugna os leitores e os telespectadores».

Siad Barre propoe frente comum dos não-alinhados

PARIS (PL) — O Presidente da Somália, Mohamed Siad Barre, declarou que os países não-alinhados deviam considerar na próxima conferência cimeira de Colombo a realidade estratégica, política e económica do imperialismo e opôr-se com uma frente comum.

Em entrevista à revista «Afrique-Asie» publicada em Paris, o presidente somaliano precisou que todo o país em vias de de-

envolvimento está, tarde ou cedo, exposto ao perigo, e por esta razão «é necessário adoptar medidas para salvaguardar não apenas os nossos interesses, mas também a paz mundial».

Referindo-se aos problemas dos povos do sul de África, o presidente somaliano, Siad Barre, exprimiu a sua convicção que estes povos obterão a sua independência. Segundo ele, esta independência pode ser obtida uni-

camente lutando, porque as forças colonialistas não compreenderão nunca o desenvolvimento destes povos e as suas aspirações à aquisição da dignidade humana e justiça.

«Para a acção imperialista, a violência é o único código e os povos que aspiram à liberdade não podem por essa razão virar as costas ao seu direito» — sublinhou o Chefe de Estado somaliano.

Madagascar considera o socialismo o unico caminho para a Africa

TANANARIVE (AFP) — A República Democrática de Madagascar considera que o socialismo é a única via de êxito em África, declarou o ministro malgache dos Negócios Estrangeiros, Jean Bemananjara, numa entrevista publicada na quarta-feira passada pelo diário «Madagáscar Matin».

O ministro dos Negócios Estrangeiros afirmou também que o seu país «pretende continuar fiel a todos os princípios da OUA».

Evocando a cimeira da OUA que se realizou na Ilha Maurícia, Bemananjara qualificou-a de «vitória dos países progressistas. Um a agência de imprensa estrangeira, prosseguiu o ministro, *cusou afirmar que sem os países moderados, a reunião teria fracassado. Não é verdade, pelo contrário, o que é verdade é que os países progres-*

sistas formam actualmente um bloco, um verdadeiro bloco. Não se deve ser apenas o fenómeno de divisão deve-se pelo contrário constatar que os países progressistas unem-se sobretudo para lutar contra o fenómeno de recolonização...»

Depois de ter prevenido os interlocutores contra as «informações por vezes tendenciosas» provenientes de algumas agências capitalistas, Bemananjara sublinhou que «o tempo joga em favor do movimento progressista. Os africanos, disse ele *devem afirmar os seus direitos não apenas oralmente mas por actos. É necessário que os países capitalistas e imperialistas saibam que os países africanos querem continuar africanos e afirmar a sua personalidade e seus direitos.*»

O ministro malgache dos Negócios Estrangeiros felicitou-se nomeadamente a propósito da cimeira de Port Luis pela unanimidade que, declarou ele, se obteve a propósito de Djibuti das Comores, das ilhas de Cabo Verde e das ajudas a conceder a Moçambique «que tomou a grande decisão de fechar as suas fronteiras com os inimigos da África» assim como do problema do direito de veto nas Nações Unidas.

Falando dos Jogos Olímpicos e da retirada de todas as delegações africanas com excepção das de dois países (Costa do Marfim e Senegal), Jean Bemananjara afirmou que estes dois países «desafiam mesmo os princípios da OUA. Tinha sido decidido, prosseguiu o ministro, *que os países africanos se retirariam dos jogos no caso da*

Nova Zelândia participar neles. É uma resolução que se deve respeitar. Para que a OUA tenha importância aos olhos do mundo, é necessário que os seus membros respeitem as suas decisões, acrescentou também o chefe da diplomacia malgache.

PORTUGAL: PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA

LISBOA (AFP) — Vasco da Gama Fernandes (socialista) foi eleito quase por unanimidade presidente da Assembleia da República. Gama Fernandes, anti-fascista de longa data, é Presidente da Liga dos Direitos do Homem em Portugal.

Quatro vice-presidentes foram igualmente eleitos representando o Partido Socialista, o PPD, o CDS e ...o Partido Comunista. A UDP, que tem apenas um deputado, não está representada.

Um antigo inspector da Pide-DGS foi libertado na passada semana assim como três outros agentes da antiga polícia política salazarista, julga saber o diário socialista «A Luta».

PIDE EM LIBERDADE

Este antigo inspector, Augusto Abílio Pires, era especializado em interrogatórios dos jornalistas, escritores, artistas e militantes do Partido Comunista. Ocupava-se também das colónias e «A Luta» presume que ele conhecia muito «os segredos do antigo regime».

Segundo o quotidiano, restam neste momento na prisão apenas 22 agentes da Pide entre os 1500 que tinham sido presos depois do golpe de Estado de 25 de Abril. Nenhum destes agentes foi ainda julgado.

Programa da reunião sobre Direito do Mar

NOVA YORK (AFP) — O Presidente da conferência das Nações Unidas sobre o Direito do Mar convidou os delegados a concentrarem-se em seis pontos da quinta sessão da terceira conferência, que se realizará em Nova York do dia dois de Agosto a 17 de Setembro. Shirley Amerasinghe indicou nomeadamente os seguintes pontos:

1 — O problema da autoridade internacional encarregada dos marinhos e da exploração dos seus recursos.

2 — A tomada em consideração dos interesses dos países geograficamente desfavorecidos no acesso a um domínio conside-

rado como a «herança comum da Humanidade».

3 — Uma definição do conceito de zona económica exclusiva em relação à doutrina do alto mar que prevalece actualmente.

4) — A definição do regime que deve ser aplicado às pesquisas marinhas científicas em todas as zonas fora das águas territoriais.

5) — Um mecanismo viável para o regulamento obrigatório dos diferendos.

6) — A formação das cláusulas finais que preservariam a unidade jurídica da convenção assegurando um equilíbrio entre os direitos e os deveres dos Estados.

Cimeira Árabe-Africana

CAIRO (AFP) — O secretariado da Liga Árabe recebeu uma mensagem do Secretário Geral da OUA, William Eteki Mboumoua, foi anunciado na sede da Liga Árabe, em Cairo.

Esta mensagem trata de questões relativas à eventual realização da primeira conferência dos chefes de Estado árabes e africanos, nomeadamente a fixação da data desta conferência. Segundo o texto da mensagem, os chefes de Estado africanos, terão assegurado a William Eteki a sua vontade de tomar parte em tal cimeira.

Novo governo na Costa somali

DJIBUTI — Um novo Conselho de Governo foi eleito na quinta-feira passada pelos 24 deputados presentes na câmara dos deputados do território «francês» dos Afars e de Issas (Costa da Somália). A lista apresentada por Barkat Gourat Hamadou, senador do Tfaï, recolheu a totalidade dos sufrágios exprimidos na ausência de 17 deputados da União Nacional pela Independência, Partido favorável a Ali Aref, que tinha igualmente deposto uma lista, que recolheu nenhum sufrágio.

Italia: governo minoritário

ROMA — Giulio Andreotti democrata-cristão, aceitou formar um governo democristão homogéneo. Ele deu oficialmente o seu acordo ao Presidente da República, Giovanni Leone, que o tinha sondado em 13 de Julho no fim das eleições legislativas de 20 de Junho que deram a maioria relativa ao Partido Democrata-Cristão.

As consultas a que procedeu não permitiram a Andreotti formar um governo de coligação, nomeadamente por causa das reservas socialistas. O seu governo comportará apenas democratas-cristãos e apresenta-se-a perante as Câmaras contando com a abstenção do Partido Comunista, segunda força política do país.

P.C. espanhol abandona clandestinidade

ROMA — O Partido Comunista Espanhol renunciou oficialmente à clandestinidade. Tal notícia foi dada na quarta-feira passada na abertura dos trabalhos do CC do PCE em Roma por Santiago Carrillo, Secretário Geral do Partido. «Apesar da ilegalidade, estamos decididos a abandonar a clandestinidade para mostrarmos ao país a nossa vontade de agir ao grande dia e de nos submettermos ao veredicto da opinião pública», disse ele.

No plano ideológico, o Presidente do Partido Dolores Ibarruri, a «Pasionaria», lembrou a adesão do PCE ao internacionalismo proletário reafirmando o seu carácter original e nacional. «Nós somos um Partido espanhol que não obedece a nenhuma disciplina internacional», insistiu ela, e exprimiu a esperança de que a próxima reunião do Comité Central se realizará em Madrid.

Irao ajuda os racistas

ADDIS-ABEBA — A ajuda militar concedida pelo Irao à África do Sul e à Rodésia foi severamente condenada pela OUA num comunicado publicado na quinta-feira passada em Addis Abeba.

A organização, baseando-se em informações provenientes do semanário americano «Newsweek», noticiando o abastecimento em armas a estes países pelo Irao, convidou Teerão a pôr termo «imediatamente a esse tráfico vergonhoso de armas» que constitui «um acto hostil» para os países membros da OUA.

Mensagem de Luiz Cabral a Fidel Castro

O Presidente Luiz Cabral enviou um telegrama ao Primeiro-Secretário do Partido Comunista Cubano, Fidel Castro, durante as comemorações do assalto ao quartel de Moncada:

«Por ocasião do 23 aniversário da grande vitória do vosso povo contra a ditadura de Batista, é com um alto sentimento de orgulho que temos a honra de vos dirigir, assim como ao povo irmão e amigo cubano e ao comité central do vosso Partido, as mais calorosas felicitações

«Certo do êxito fatal do heróico povo do 26 de Julho de 1953 sob a conduta do seu líder e camarada Fidel Castro, os militantes e a direcção nacional continuam fortemente encorajados na continuação da missão histórica de terminar a libertação do vosso continente.

«Formulando os melhores votos de sucesso contínuos na obra grandiosa do PCC, sob a alta direcção do seu prestigioso guia, camarada Fidel Castro, queiram aceitar a expressão dos nossos sentimentos fraternais e os votos de longa vida e saúde para continuar a cumprir a nobre tarefa que a história vos confiou ao serviço do povo irmão e amigo cubano».

GUINÉ-BISSAU SERA ADIMITIDA NO FUNDO MONETARIO INTERNACIONAL

A Guiné-Bissau deverá ser admitida, ainda este ano, como membro, de pleno direito, do Fundo Monetário Internacional. Esta é a principal conclusão das conversações mantidas entre o Governo e uma delegação daquele organismo. Essa missão esteve em Bissau com a finalidade de recolher dados necessários para a determinação da quota do nosso país, tendo em vista prestar esclarecimentos sobre as fo^omas como serão as relações

com o FMI. Por outro lado, também foram estudados os sectores em que poderá ser útil uma ajuda técnica e financeira.

Durante a sua estadia na capital, a missão contactou com os responsáveis de vários Comissariados: Desenvolvimento Económico e Planificação, Agricultura e Pecuária, Energia, Indústria e Hidráulica, Direcção-Geral de Geologia e Minas e Banco Nacional. A equipa do FMI regressou anteontem para Washington,

chefiada por Ricahrd Miller. Nas conversações finais, a nossa delegação foi dirigida pelo camarada Vasco Cabral, do Comité Executivo da Luta do Partido e Comissário de Estado de Desenvolvimento Económico e Planificação. Era ainda composta por Avito José da Silva, secretário-geral do Comissariado de Estado da Agricultura e Pecuária e por dois funcionários do Banco Nacional.

LUIZ CABRAL NO SUL

(Continuação da 1.ª página)

Luiz Cabral estava em Saltilho pelas 12 horas e 45 minutos, onde atravessou a pé a ponte do Corubal, entre cerca de 500 pessoas. Depois, novamente em Quebo, foi cercado pelo povo enquanto descia do jipe. O Presidente voltou a entrar no carro para encaminhar-se para a séde do comité, a pouco mais de um quilómetro da entrada da cidade. Ele deveria permanecer apenas algumas horas em Quebo, mas a programação foi alterada: população organizou um espectáculo de música e danças populares em frente à séde do comité e foi convocada uma concentração.

O Comissário da Agricultura falou na abertura do comício, às 17 horas e 30 minutos. Expôs os inúmeros problemas financeiros que o País enfrenta e as medidas que estão a ser adoptadas

para acelerar o desenvolvimento económico. Em seguida, Luiz Cabral fez um discurso que foi traduzido, simultaneamente, em fula. Citou a luta pela reconstrução nacional, os reflexos da dominação colonialista. Ao comentar a política colonial, Luiz Cabral afirmou que os portugueses estavam interessados em impedir que o povo lutasse por seus interesses colectivos.

Antes de terminar o comício, um dirigente muçulmano local, Aladge Seconan Jaló e o presidente do comité de base, Amadú Baldé, falaram em nome da população. A comitiva ainda deu uma volta rápida pela cidade e no início da noite assistiu a um espectáculo de música e danças populares.

Na continuação da viagem, o Presidente seguiu ontem para Cacine, onde deverá passar a noite. O programa ainda inclui visitas a Buba, Catió, Bumbam, Unal e Ilha de Como. A comitiva também deverá passar por Empada, Fulacunda e Tite antes de regressar para a capital. Luiz Cabral pretende partir do sul do País no dia 3, no período da manhã, para participar em Bissau das comemorações do massacre de Pidjiguiti.

Da comitiva presidencial fazem parte os camaradas Umarú Djaló, Carlos Correia e José Araújo, do CEL, Bacar Cassamá, Malan Gino Mané e Benvindo Pereira, do CSL, e Samba Lamine Mané, Filinto Barros e Arafan Mané, além de outros camaradas do Partido e do Estado.

REUNIDA EM BISSAU II ASSEMBLEIA ANUAL DA SAUDE

(Continuação da 1.ª pág.)

exaustiva sobre os problemas que neste campo se levantam no país irmão, e apontou as directivas delineadas para a sua resolução. Mas da saúde em Cabo Verde falaremos noutra número.

50 CABEÇAS A PENSAR O MESMO

As exposições dos responsáveis regionais da Saúde, que ocuparam toda a manhã de quinta-feira, deram uma ideia do muito que é preciso fazer para que as populações do nosso país tenham acesso a uma assistência sanitária digna. As descrições feitas pelos delegados vindos do interior confirmaram e ilustraram até ao pormenor a situação de carência já esboçada por Manuel Boal. O longo cortejo de necessidades enumeradas (desde técnicos de saúde e equipamento hospitalar até livros de registo e mobiliário) veio dar razão às opções tomadas a nível nacional, quanto a descentralização e prioridade às pequenas unidades.

Embora cada região apresente dificuldades sem conta, verificou-se que regiões como Tombali e Buba necessitam de uma intervenção urgente.

Ainda na quinta-feira, foram lidas exposições sobre as actividades dos hospitais de Bissau (a que proximamente dedicaremos atenção especial), as escolas de enfermagem, os assuntos sociais, as finanças, o departamento de pessoal e cooperação e o de abastecimentos. Os trabalhos decorreram em sessão plenária. Ontem, sexta-feira, iniciaram-se os debates por grupos de trabalho, que prosseguem hoje. Deles sairão as propostas a apresentar no plenário de domingo, com base nas quais serão elaboradas as resoluções. Com a leitura das resoluções, na sessão da tarde de domingo, terminará esta segunda assembleia de responsáveis da Saúde, que reúne cerca de meia centena de pessoas. A primeira realizou-se o ano passado em Bafatá e contava apenas dezasseis participantes.

Pedro Pires ao "Nô Pintcha": Nao é so com boa vontade que podemos atingir a construção da unidade Guiné-Cabo Verde

(Continuação da pág. central)

mos capazes de realizar e pôr em prática o programa do Partido. A organização de massas tem que ser accionada, para poder de facto progredir. Um país como o nosso, sem dinheiro, só avançará com as suas capacidades morais e forças naturais. Isso não quer dizer esbanjar as energias. Pelo contrário, utilizá-las da melhor maneira e não chegar ao fim sem um resultado positivo. Seria desanimador. Chegamos à conclusão de que é preciso consolidar as organizações de massa, tais como as de mulheres e juventude. São aspectos importantes para a realização do nosso programa. Estas coisas todas não podem ser feitas com teorias, sentados nos bares, mas sim como um trabalho prático e realista. Chega de divagações, que no fundo são mais uma diversão política. É

preciso ver o que é prioritário neste momento.

O Partido tem um papel fundamental no programa da unidade da Guiné e Cabo Verde. Devemos reforçar a nossa consciência e realizar esse programa. Assim poderemos alcançar a unidade real e não a de cúpula. A unidade de todo o povo. O camarada Aristides Pereira, secretário-geral do Partido, através da mensagem do primeiro aniversário da independência, fez uma apreciação crítica de todo o nosso trabalho. É um documento muito importante para o Partido e Estado. Dá uma ideia de tudo o que foi feito e do que ainda devemos fazer. O documento fala das nossas dificuldades e deficiências. Este primeiro ano deu-nos mais experiência, mais força moral e maior preparação para iniciar o segundo ano com optimismo, consciente da nossa realidade.

Amnistia politica em Espanha

CORUNHA (AFP) — O rei Juan Carlos concedeu uma amnistia a todos os prisioneiros políticos, anunciou-se oficialmente. Os detalhes serão conhecidos mais tarde.

Comunicado Polisario

ARGEL — «Em 20 de Julho, os combatentes saharianos atacaram as posições marroquinas em Haouza, provocando 40 mortos e sete feridos nas hostes inimigas», declarou um comunicado da Frente Polisário, publicado em Argel. «Em 28 de Julho, uma unidade das F.A.R. caiu numa emboscada preparada pelo exército sahariano entre Smara e El-Ayoum. Os combates causaram 35 mortos e 22 feridos do lado das forças marroquinas.

Finalmente, em 25 de Julho, na mesma região, dois camiónes militares das forças de ocupação foram destruídos por minas. Três mortos e seis feridos graves entre os ocupantes dos veículos foram enumerados», afirmou ainda o comunicado sahariano.

Presos Portugueses em Timor libertados

LISBOA — Os 23 militares portugueses capturados no verão passado em Timor Leste, chegaram a Lisboa, na companhia do general Moraes e Silva, chefe de estado-maior da Força Aérea, que tinha negociado a sua libertação em Bangquoque e alguns portugueses que tinham pedido o seu repatriamento.

A sua chegada, o general Moraes e Silva desmentiu que Portugal tenha reconhecido a integração de Timor Leste na Indonésia.

Novo governo Italiano

ROMA — Giulio Andreotti, o Presidente do Conselho italiano perscrutado apresentou ao Presidente da República os membros do novo governo «homogéneo» italiano.

O gabinete compreende uma mulher, pela primeira vez na Itália: Tina Anselmi que toma a pasta do Trabalho, depois de ter estado no gabinete precedente como secretária de Estado no mesmo ministério.

Neste governo, haverá três ausentes, notáveis: Mariano Rumor, que detinha a pasta dos Negócios Estrangeiros, Emilio Colombo, antigo ministro do Tesouro, e Aldo Moro, todos os três ex-presidentes do Conselho.